

# Terminologia Geográfica

(Continuação)

**CONTRATISTA** — Termo usado no sul da Bahia para designar o empregado de fazenda cacauêira, ao qual o patrão entrega alguns hectares de terra, para que plante cacau e o que fôr necessário à subsistência. Logo que surgem os primeiros frutos, o contratista restitui o terreno, recebendo certa importância por árvore de cacau, que plantou. (B. de S.).

**COPÉ** — Registrado por TESCHAUER em seu *Novo Dicionário Nacional* e, antes, por MACEDO SOARES em seus "Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro" (*Revista Brasileira* — 1.º ano — Tomo III — Rio de Janeiro), significando pequena cabana construída de madeira e palha em que habitam os guaranis. São propriamente, acrescenta este autor, ranchos provisórios, ao lado ou no meio da plantação para o índio morar, ou somente, passar a noite de vigia, enquanto não colhe a roça. (B. de S.).

✓ **COPIAR** — Espécie de terraço junto às salas de refeições das casas de habitação, com um peitoril de alvenaria e aberturas de passagem, descoberto, ou com coberta sobre pilares ou esteios. "No copiar da casa alegremente iluminado pelas candeias, o côco estava febril e animado". (ALFREDO BRANDÃO). O vocábulo vem do tupi, copiara, alpendre, varanda, segundo GONÇALVES DIAS. F. A. P. C.

**CORDA** — Vocábulo usado no interior da Bahia para designar terras próximas, que se estendem na mesma direção. Diz-se também cordão. Informação do venerando Dr. FILINTO BASTOS. Em Portugal e no Brasil são conhecidas as expressões — corda de montes — cordilheira, corda de ilhas o mesmo que enfiada de ilhas (MORAIS, AULETE, CONSTÂNCIO). (B. de S.).

✓ **COROA OU CROA** — Banco, baixio, na embocadura dos rios ou no seu curso, ficando algumas descobertas nas marés secas ou vazantes: as coroas de Santo Amaro no rio Beberibe; a coroa dos Passarinhos, no Capibaribe, ao sul do porto interior do Recife, nas proximidades da ilha do Pina. Das coroas de areia do alto ao baixo São Francisco, faz FERNANDO HALFELD particulares referências. "O nível da extensa coroa dos Passarinhos, nos pontos mais altos, não passa de um metro acima das águas mínimas". (ALFREDO LISBOA). F. A. P. C.

**COROBOCA** — Termo usado em Minas e São Paulo para designar lugar deserto. (B. de S.).

**CORREDEIRA** — Brasileirismo que corresponde aos "rapides" dos franceses, aos "pontos" dos barqueiros do rio Douro (*Iniciação Geográfica*, de DOMINGOS DE FIGUEIREDO, pág. 51) aos "porogui" dos russos, às "correntadas" dos hispano-americanos, às "corridas" do sul da Bahia e às "carreiras" do noroeste da Bahia e leste de Goiás. Designa o trecho de um rio em que as águas, por força da maior declividade do seu leito, adquirem grande velocidade, correndo céleres e dificultando sobremaneira a navegação. E' termo hoje em dia usado em todo o país. Os remadores indígenas distinguem em cada corredeira três partes, a que chamam cabeça, corpo e rabo. (B. de S.).

**CORREDOR** — Tríplice acepção regional tem este vocábulo na nomenclatura geográfica brasileira. No nordeste, segundo lemos num registro de brasileirismo de SILVA ROMEIRO (pseudônimo de EUGÊNIO LIMA, jornalista de Juazeiro da Bahia), assim se designa uma porção de terreno, estreito e limpo, dentro de um capão. Em Santa Catarina, segundo nos informou o Pe. GERALDO PAUWELLS, na região do litoral nomeia fendas nos costões rochosos da costa, de paredes paralelas, provavelmente antigos diques de basalto agora decompostos. Chamam-se corredores quando as fendas são muito extensas e ultrapassam a linha dos costões, e tambores, quando menores, terminando no próprio costão. No Rio Grande do Sul e terras convizinhas o vocábulo corredor apelida a parte de uma estrada que atravessa um campo de criar gado, mas separada dele por cercas em ambos os lados. O corredor, escreveu CRISPIM MIRA, "é formado pelas taipas ou muralhas que correm paralelamente às margens da estrada, e que os fazendeiros constroem para evitar a invasão das suas propriedades deixando para o viajante e para as tropas um espaço na largura de 20 a 30 metros. No Rio Grande do Sul usa-se

o alambrado, ou cêrca de arame. Em Santa Catarina dá-se preferência à pedra. E tem-se, no meio dessas imensas taipas, a impressão do que se iam as velhas muralhas chinesas”.

**CORREIO DE INVERNO** — Nome que habitantes do centro e norte do Cariri e do litoral dão à primeira enchente do Paraíba, rio que banha o Estado do mesmo nome. (B. de S.).

**CORRIDA** — Nome que, no sul da Bahia, se dá às corredeiras, trechos do curso fluvial em que a correnteza é bastante forte. Na zona das Lavras Diamantinas (Bahia), chamam-se corridas aos espaços abertos no terreno por onde passam as águas em que se atira o cascalho e em cujo fundo ou leito, graças ao pêso maior que o das outras pedras, vão ficando depositados o diamante e o carbonado. (B. de S.).

**CORRUBIANA** — Termo de Minas Gerais, que designa um fenômeno meteorológico observado em algumas das regiões montanhosas do Estado, e que consiste na baixa demasiada da temperatura, quer no verão, quer no inverno, aparecendo então uma neblina muito densa e soprando um vento frígido da direção de sueste. A fenômeno mais ou menos semelhante se chama no sertão da Bahia cruviana, provavelmente corruptela. (B. de S.).

**CORRUPTELA** — No *O Brasil Trágico* de SÍLVIO FLOREAL, em vários trechos, encontramos êste termo com uma significação tôda peculiar à zona diamantífera do Araguaia, ou seja a de pequeno arraial, formado pelos garimpeiros na entrada das terras virgens onde vão em busca das pedras cintilantes. “Corruptelas como se chamam os pequenos comércios surgidos em consequência de maiores e mais demoradas explorações do cascalho diamantífero”. (HERMÃO R. DA SILVA, *Garimpos de Mato Grosso*, p. 125). (B. de S.).

**CÔRTE** — Registado por A. TAUNAY em seu *Léxico de Lacunas*, sinônimo de muchirão, putirão, etc. “Mandamos chamar a vizinhança tôda para uma côrte. (B. de S.).

**COSTA** — Registado por BEAUREPAIRE-ROHAN, que diz significar no Rio Grande do Sul, margem, não só do mar, mas também de um rio, dando como por exemplo a frase: “acampamos na costa do rio Camaquã”. (B. de S.).

**COSTANEIRAS** — Termo com que se designam, às vêzes, no município de Feira de Sant’Ana e seus limitroes, as terras dos arredores, das convizinhanças. (B. de S.).

**COSTÃO** — Registado por TESCHAUER com o significado de costa desabrigada e sem enseadas. (B. de S.).

**COSTEIRA** — Serra à beira-mar, tendo às vêzes paredões íngremes quase verticais, outras vêzes em rampas a que chamam itaipavas, molhadas pelas ondas que sobem à altura de 8 a 10 metros nas ocasiões de ressaca. (B. de S.).

**COVANCA** — Termo usado no Rio de Janeiro para designar uma grôta descoberta (AMADEU AMARAL), ou terreno cercado de morros com entrada natural de um só lado, ordinariamente o extremo de um vale ou várzea (BEAUREPAIRE-ROHAN). (B. de S.).

**COVOÃO** — Termo usado na Bahia, designativo de baixada profunda e estreita. (B. de S.).

**COVOAS** — Dição do planalto central do Brasil, usada de preferência em Goiás, indicadora de montículos de altitude vária que acidentam os largos plainos. AZEVEDO PIMENTEL, que escreveu belo trabalho a respeito dessas regiões, refere a grande quantidade dêsses montes originais do chapadão central, máxime no em que serpeia o rio São Bartolomeu, afluente do Paranaíba, da bacia platina. (B. de S.).

**COVOCA** — Registado por NÉLSON DE SENA, designativo, em Minas Gerais, de “terreno desmoronado, formando depressão grôta ou cova funda, a beira de morros ou montanhas. A covoca é sempre resultante de escavações na base do morro, ou provém de erosões das águas, chegando a provocar afundamento e depressões do solo”. (*Brasiliãna* — Julho, 1927. — Vol. II — Ano III). (B. de S.).

**COXIA** — Pequena e pouco elevada colina que corre pelos campos, quebrando a uniformidade da planície: Ao que sabemos é termo usado na Bahia. (B. de S.).

- COXILHA** — Vocábulo de giro freqüente e comum no Rio Grande do Sul, que designa uma extensa e prolongada lomba, colina de longo declive e pouca altitude, coberta de vegetação herbácea, em geral rica de plantas forrageiras. (B. de S.).
- COXILHÃO** — Coxilha grande e muito acidentada. (B. de S.).
- CRIOULO** — Filho ou descendente de africano nascido no país; o homem preto. “Era preto, natural de Pernambuco, e não podemos concluir se de pais já nascidos na terra ou vindos de Angola ou Guiné, mas só que era crioulo, que assim chamam aos que nascem no país”. (Fr. JABOATÃO). Termo originariamente espanhol (de creoulo), veio naturalmente, da influência da dominação castelhana em Portugal (1580-1640) com os seus reflexos entre nós, que acompanhamos a sorte da metrópole, e daí já corrente em Pernambuco na primeira metade do século XVII, como escreve MARCGRAVI no seu livro impresso em 1648, tratando da população de Pernambuco; “Natus hic ex utrisque parentibus nigritis appellatur crioulo”. Já havia então a distinção entre o preto nascido na África e o nascido no país, sendo aquêle conhecido por negro da costa ou mina, e éste por crioulo, como por sua vez também, contemporaneamente, escreve Fr. MANUEL CALADO: “Saíram do Arrecife um negro mina e um crioulo, sendo tomados pelos nossos soldados”. (F. A. P. C.).
- CRISTALEIRO** — Assim se designa em Minas Gerais o homem que se ocupa com a exploração de cristais: é análogo ao termo faisgador que designa o explorador de ouro e garimpeiro que procura diamantes. (B. de S.).
- CRUVIANA** — O mesmo que corrubiana, também curviana, graviana, caruviana, (M. DE ANDRADE), corrupiana (NÉLSON DE SENA), termo usado no interior da Bahia e do Nordeste designativo de garoa, chuvisco. E’ fenômeno semelhante ao que, em Minas, se nomeia corrubiana. O Dr. ARNALDO PIMENTA DA CUNHA, auxiliar-técnico da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, chefiada por parte do Brasil, pelo imortal EUCLIDES DA CUNHA, informou-nos que, na bacia do Purus (Acre) se chama também cruviana, a um vento frio que sopra do oeste, das bandas do Peru, cuja primeira consequência é o abaixamento súbito e violento da temperatura algo de semelhante à friagem. Será corruptela de peruviana? MÁRIO MELO, do Instituto Arqueológico de Pernambuco informa que, em seu Estado, cruviana é o nome que dão ao terral, ao vento frio das madrugadas. A êsse vento chamam no Ceará garaviana: todavia RODOLFO TEÓFILO (*Os Brilhantes*), escreveu: “Só se a gente fôsse cururu para não sentir a curviana”. No Pará, informa JORGE HURLEY, também se diz cruviana de um vento frio “que penetra até os ossos da gente”. (B. de S.).
- CUBATÕES** — Usado no plural, significa na região oriental de São Paulo “os pequenos morros nas vertentes, ou melhor, no sopé das cordilheiras. E’ o significado popular; talvez o melhor” (EUCLIDES DA CUNHA). (B. de S.).
- CUPICHAUA** — Assim denominam os incolos da fronteira brasileiro-peruana os ranchos de palha, onde vivem em promiscuidade. Vemo-lo empregado por LIMA FIGUEIREDO em seu precioso livro *Limites do Brasil* — Rio — 1936 — à p. 77. (B. de S.).
- CUPIM** — Termo do Brasil meridional e central, designativo de “montes de terra petrificada de vários tamanhos nos campos, com alguns buracos, onde se criam diversos insetos, inclusive uma espécie de formiga branca, os quais também servem para esconderijo a muitos bichos, principalmente cobras, morcegos” (JOAQUIM GIL PINHEIRO — *Os costumes da roça* ou as *Memórias de Mboy* — P. 115). Aos cupins se refere o general MALAN em seu trabalho “Heróis esquecidos”, publicado na *Revista Militar Brasileira*, julho a dezembro de 1926, à p. 375, no seguinte passo: “As rodas do auto encaixam por vêzes nos fundos sulcos da velha e abandonada estrada carreteira. Empoleira-se o Ford sobre o facão intermédio e a tripulação tem de forcejar em arrancá-lo. Precavém-se o hábil condutor contra os cupins insidiosamente ocultos no macegão crescido, demorando mais a lenta marcha”. (B. de S.).
- CURCURANA** — Termo usado no litoral da Bahia para designar alagadiços e brejos perto do mar. Ao mesmo acidente se denomina em Pernambuco — corcorana. (B. de S.).

**CURIMATAÚ** — Nome de uma das regiões em que se dividem os Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, oposta à da mata ou brejo; é a região da catinga, apropriada para a criação do gado e deve o seu nome ao rio Curimataú que a banha. A ela se refere JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA, no seguinte passo: “A segunda secção da serra é a denominada curimataú no vale do rio do mesmo nome e ariri no planalto central. Já entremostrei, na parte fisiográfica, a aspereza dessa zona de vegetação resistente. É a catinga de plantas espinhosas, de xiquexique, macambira, facheiro, palmatória e coroa de frade”. (B. de S.).

**CURSO** — Nome que, em certos pontos do recôncavo da baía de Todos os Santos como em Iguape (São Paulo), designa o mesmo que piracema. Vimo-lo registado à p. 101 da admirável monografia do sábio ARTUR NEIVA — *Esbôço Histórico sobre a Botânica e Zoologia do Brasil*: “A piracema, migrações já observadas pelos nossos índios, ou o curso, como vi chamar em Iguape aos cardumes de peixes marinhos que procuravam as proximidades das embocaduras fluviais para a desova...”. (B. de S.).

**CURUPERÉ** — Termo de origem túpica, usado na Amazônia, designativa de pequeno riacho ou afluente de igarapé central que seca no verão. (B. de S.).

**CUSCUZEIRO** — Registado no vocábulo de RODOLFO GARCIA com a acepção de pico de forma arredondada, destacado de uma chapada. Também se chama, segundo J. C. BRANNER, morro de chapéu. Usado nos Estados do Sul. (B. de S.).

**DEIXA** — Espaço alagado que os rios formam quando voltam ao primitivo leito após a enchente. (B. de S.).

**DEPENDURADO** — Termo de Goiás, citado pelo Dr. VIRGÍLIO DE MELO FRANCO em suas *Viagens*, designativo de encosta ou flanco das serras, mais ou menos desprovidos de vegetação. (B. de S.).

(continua)